

O caminho do fogo: astronomia filosófica aplicada

The way of the fire: applied philosophical astronomy

Márcio José de Araújo Costa

Universidade Federal do Maranhão

RESUMO:

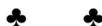
Ao modo de ensaio científico-mito-poético, que deve ser lido literalmente, narra-se a emergência, em um tempo não cronológico, da visão de um filósofo, por meio de uma bio-bibliografia de seu próprio aprendizado, utilizando-se de fragmentos de uma memória intensiva, sub-representativa, ígnea. Para tanto, inspira-se no próprio estilo dos autores citados, que se tornam, por sua vez, personagens conceituais e figuras estéticas que escrevem uma constelação de ideias que prima por diferentes maneiras de se orientar no pensamento. Ao final, tais direções e linhas diferenciais convergem na própria intuição filosófica do vidente-narrador, ao modo de uma memória e profecia impessoal e singular.

Palavras-chave: Filosofia; Memória; Literalidade.

ABSTRACT:

By the way of scientific and mytho-poetic essay, which should be read literally, the emergency of a philosopher's vision is narrated, in a non-chronological time, in a bio-bibliography of their own learning, using fragments of intensive, sub-representative and igneous memory. Therefore, inspired by the unique style of the authors cited, who become, in turn, conceptual characters and aesthetic figures who write a constellation of ideas that excels in different ways to guide the thought. At the end, such directions and differential lines converge in their own philosophical intuition of the visionary-narrator, in the manner of impersonal and singular memory and prophecy.

Key-words: Philosophy; Memory; literality.



Astronomia

No princípio, houve a faísca. E a faísca se acendeu. Mas logo se apagou. Depois, apareceu outra fagulha, e mais outra e mais outra... Elas rapidamente nasciam e apagavam. Algumas eram lépidas, sutis. Outras acendiam como brasa recém assoprada.

Assustavam com seu brilho. A maioria era de centelhas tão fraquinhas que nem pareciam se inflamar. Mas todas, por fim, conflagravam. Elas se apagavam muito rápido, porém algumas permaneciam mais tempo. Era duro acender-lhes a chama. Fazer nascer uma chispa em meio a tanto atrito de galhos, arbustos e pedras, em cima da terra batida, não era fácil. Mas o fogo insistiu.

Logo nasceram brasas terríveis. A chama se alastrou e tudo parecia ferver. Terríveis vulcões de violência, devastando tudo ao redor. O vulcão, depois de aceso, inunda com calor, incendeia, mata e destroi. É belo quando visto de longe, mas mortal quando lhe chegamos perto. Em meio a tanta devastação, contudo, gera novos continentes. E em seu seio, nascerão novas formas de vida, novos ecossistemas. Novas brasas também

Em seguida, o fogo fica ainda mais pesado. Seus elementos (muitos, pois conforme a flama se alastra, vai precisando cada vez de mais material para queimar) se acumulam, se acumulam e se acumulam; o peso vai tudo atraindo, e o fogo se alastrando, e o material, se condensando. Logo, com tanto material e partículas – principalmente ar frio e cortante, das alturas, que a chama muito intensa precisa para respirar – caindo e tropeçando uma nas outras, nasce o fogo intenso, nascem as estrelas...

O que torna as estrelas interessantes, e que surpreende os leigos em astronomia filosófica, é que elas não são fugazes como as fagulhas. Elas duram. Duram bilhões de anos. Como tudo na vida, também vão se apagar um dia. Um dia. Existem astros de todas as grandezas. Também existem estrelas anãs. O universo é repleto de estrelas de todas as cores. Há muita diversidade étnica entre elas. Seu brilho atravessa universos de escuridão, frio e vazio. Mesmo na imensidão do espaço gelado, brilham e colorem o universo. Fazem balés, giram. Enfeitam o céu com suas combinações insuspeitas. E servem de horizonte.

Às vezes estrelas se fundem. Viram uma só. Brilham ainda mais poderosas. Outras, de tão grandes, não aguentam sua massa e explodem. Nunca se viu brilho igual. Não podiam se aguentar, era fatal, tinham de explodir. Havia intensidade demais, afinal. Morrem jovens. Porém, não importa, para um astro celeste daquela grandeza queríamos que não morresse nunca. O que importa no Universo é o brilho, e o que ele nos faz

enxergar. Que a luz se doe. Que as estrelas sejam generosas quando muito pesadas. Que morram, mas dando calor e luz. E mesmo sua morte, de tão forte, percorrerá espaços insondáveis. Na sua morte, elas brilharão, por causa disso, paradoxalmente, por mais tempo...

Contudo, uma estrela grande demais, ao explodir em energia, pode ainda não se esgotar. Seu peso lhe cai, lhe dobra, e nem mesmo semelhante detonação pode espalhar o material pesado que fizera seu forno arder. É um subproduto do brilho intenso, o buraco negro. É o maior dos pesos concentrado em pouco espaço. É a antítese do brilho da supernova: só sabe sugar. Não deixa nada passar, nem mesmo a luz. Suga a matéria e a luz, devolvendo alguma informação, seu brilho frio e invisível. Contudo, mesmo esses fantasmas, esses corpos de memória de estrelas passadas, esses buracos negros invisíveis aos olhos, nos dão um mínimo de estrutura para o universo movente do pensamento. Sem elas nossas galáxias conceituais seriam arremessadas para fora, em seus giros, a toda velocidade. A memória, o passado, o peso, nos fixa e dá um eixo, para criarmos algo ao redor. Não se pode, todavia, chegar muito perto destes umbigos de sonhos cósmicos, para não sermos por eles tragados. Todavia, que aconteceria se nele entrássemos, ele que é o negativo e o inverso da criação estelar? O que há do outro lado do tempo, quem atravessou o portal da morte? Será um túnel para estreitar os caminhos do espaço-tempo, um portal para outras constelações de pensamento? Será que nos pode ensinar, o furo, o escuro e vazio tempo imóvel, que todo o espaço-tempo é um só, absolutamente imanente, em ato, movente? Que luz e sombra são duas direções de uma ato puro sem limites? Invisíveis são os múltiplos centros do passado, jazidas de memória para um universo que se expande ao futuro, que cresce e se cria infinitamente.

Os astros celestes, contudo, permanecem em suas órbitas, em seus caminhos se espalhando pelo espaço-tempo. Seus raios percorrem incansavelmente o universo. Os contemplamos, embevecidos. Somente deuses poderiam tê-los colocado lá, exclamamos. Cada estrela nasce quase sozinha, na escuridão cósmica. Nada têm a ver entre si, se desconhecem. Todavia, criamos-lhes ordens ocultas a elas mesmas. O que tem a ver uma estrela com outra?! Cada uma tem o seu sistema, planetas, súditos. Nós as unimos, contudo, formando mapas intrincados, imagens que projetamos de acordo com nossos problemas e interesses, onde espelhamos nós mesmos pelo desejo, projetando o nosso futuro pelo passado. Por essa múltipla cartografia faiscante, nosso amplo e diversificado ponto de vista do Universo, nos orientamos por séculos.

As estrelas estão acima de nós, presidindo nossa vida, ainda que insensíveis a nossas dores mesquinhas. Permanecem firmes, duram gerações, muito além de nossas vidas e opiniões, ultrapassando milênios de vácuo. Navegando pelo mar da existência podemos usar o astrolábio da adequação, o devir com a vida como intuição, para, olhando as estrelas, sempre firmes acima, no Norte imperecível do tempo, criar algum sentido em nossas rotas sem direção espacial prévia, em um Oceano imenso não orientável. A função dos astros se resume apenas em ser quem são: luzes, pontos do passado que nos incentivam a buscá-los, a sair do mar da Terra em sua direção, ampliando nossa casa herdada no presente e no futuro, modulando-a e mobilizando-a, tornando-a ainda mais bela, ampla e acolhedora. Caso não queiramos essa ambiciosa tarefa doméstica, as estrelas continuarão lá, brilhando sobre nossas cabeças. Sua existência é seu incentivo permanente, a insistência contínua para mirá-las acima. E alguns as olham, maravilhados, se perguntando como se formaram. Caso ainda nossos companheiros de barco não consigam entender o chamado das estrelas, estas nos iluminam para nos tornar como elas. Nesse caso, usaremos o astrolábio até certo ponto; depois, não será mais necessário, pois teremos traçado nossas rotas singulares. E uma vez encontrando nosso caminho, seremos luz para os que se perderam ou querem se encontrar no mar.



Cartografia

No céu noturno, algumas estrelas são tão únicas que se destacam no palco celeste. Sem dúvida que todos os astros invejam o brilho, a grandiosidade e a graciosidade de Sirius. Costuma ser uma nobre inveja (afinal, são estrelas). Sirius-Spinoza adquiriu grandeza ímpar. Sempre firme, no topo das nossas cabeças. Todas podem se relacionar com ela, é única. Quando tudo está perdido, restaura a unidade esquecida de todos os astros celestes.

Existem algumas estrelas errantes, que vagam no céu noturno, nos orientando também, apesar de sua rapidez. Nascem e morrem, vão e vem, são nômades. Sempre ressurgem na História, contudo, quando a noite vem chegando. São igualmente dúbias,

posto que são planetas. Como estrelas no céu, todavia, nos revelam a importância da Terra, do amor à terra e seu sentido, essa Terra frequentemente esquecida para quem só olha para o Céu. Mas, ainda assim, brilham, e muito, revelando, como astros errantes, que a união entre a terra e o fogo é o caminho comum do Universo.

Entre as estrelas nômades, existe o pequeno e belo astro vermelho, sempre fugindo, sempre devindo. Inspira a guerra para o nosso pensamento, é a guerra, Marte-Heráclito. É também paz, para aqueles que sabem ter paciência com seus arroubos geniais. É a sabedoria do vir a ser, uma coisa bem estranha e bonita, quase oriental. Precisa-se de solidão e rapidez para captar seu movimento. E coragem para se inspirar pelo seu fogo vermelho que tudo incendeia e transforma.

Na linha do Horizonte, em imanência com o plano da Terra, emerge a estrela da manhã e a da tarde, este astro que tem muitos nomes e nasce e morre cedo. Generosa, oferece espaço para outras brilharem. Ela é dúbia, dupla, sutil, uma mulher. É símbolo do amor universal, da aliança, da fecundidade, Vênus. Na escuridão total, quando não há mais esperança da luz solar, eis que se ergue tornando o pensamento de novo possível. Harmoniosa, enleva nossos ideais, nos inflama de suavidade e tranquilidade, e, subitamente, como num salto, nos arrebatava com as maiores paixões, as mais alegres. Por isso, promove a união, o enlace sexual – temporário ou até que a morte os separe. Espera que de um casal diferente nasça o povo que falta, um além-do-homem. Para isso, une parceiros com um amor tão estranho, promove fusões tão díspares... Mas une, para fecundar a Terra. Astro duplo da beleza, Deleuze e Guattari, estrela da manhã e estrela da tarde, dizem que são duas, mas o mistério que os tolos não compreendem é que sois uma; em seus raios, não se pode separá-los.

Bem acima, há a estrela grande, pesada, o maior de todos os astros nômades, Júpiter-Nietzsche. Soberana, isolada, grandiosa. Brilha com força e vigor, orgulhosa de sua magnitude. Deveria ter se tornado uma estrela para atrair e horientar todo um Sistema, competindo com o seu astro-rei, mas colapsou no momento derradeiro, tornando-se, todavia, o maior dos planetas. É o último a se pôr, dos astros errantes. Precisa olhar o mundo de cima, presidindo do seu Olimpo a vida dos mortais, sem deixar de ser generoso com todos. É enorme e pleno de gravidade, mas não é plúmbeo, é tênue como um gás. Carrega todos os pesos para nos levar a uma verdade leve, que

nos descarregue. Uma verdade plena de alegria e de criação, de graça e júbilo. Estrela dançarina e risonha, astro viandante, com sua sombra, sua águia e sua serpente.

Depois de Júpiter se situa a estrela do tempo, do passado. Faz-nos olhar para trás, sempre, para poder olhar para o futuro, para a frente. Saturno-Foucault, astro que engana, irônico, com anéis em sua volta, que parecem simples vaidade para quem não as vê como são: uma foice afiada como um bisturi, que corta o nosso olhar. É o último dos planetas a se enxergar, tão distante. Além dele, do tempo perdido, estão as faíscas sem história, os astros esquecidos, os pensamentos infames. Fica no limite diante de um Universo muito mais vasto para nossos olhos sem telescópios, nos revelando o invisível em nosso olhar, o ainda impensável em nossa História, nos mostrando as barreiras a serem ainda ultrapassadas e o além imensurável do que não enxergamos, o além da liberdade e suas viagens futuras.

E por último, há a estrela elétrica, que faz comunicação com todos os planetas por estar no meio de seu sentido comum de Memória gravitacional: Mercúrio-Bergson. O mensageiro, Exu, que reúne o barulho e tece admiráveis cantos. Parece trazer a informação de toda parte, parece conhecer tudo de uma maneira tão simples. Em tudo o que conecta, traz a originalidade da clareza. Leva a faísca divina para toda parte. É o astro errante mais perto do Sol, o que vê e intui sua luz mais claramente, e o que melhor compreende o quanto precisamos desse brilho solar, a força do pensar. Possui a órbita mais veloz, se movimentando mais rápido, pois nos traz mais passado, girando alucinadamente e acelerando nosso presente, fazendo o tempo girar entre a memória e a criação, a duração e a intuição.

Por fim, aquém das estrelas errantes, há a Lua. Como os humanos, ela tem fases, é inconstante, não se reconhece bem como estrela nômade, ainda que para nós seja toda iluminada – mas, na verdade, também como os homens, possui um lado escuro que nunca se sintoniza com a luz solar. A Lua-Leibniz é como a Terra, feita do mesmo material, forjado pelas mesmas pedras fundamentais. Como uma mônada, a Lua nos revela muitas faces em virtude de suas diversas percepções e apetições, às vezes filósofo, matemático, jurista ou diplomata. Tenta unir o Céu e a Terra ao seduzir todos a olhar acima, para contemplar todo o palco celeste – um otimista barroco incorrigível. Contudo, nos torna igualmente humildes, pois perceberemos, em algum momento da lenta contemplação extasiada, que o Céu acima é apenas o nosso húmus, nosso ponto de

vista do Universo na mônada circular terrestre, perspectiva parcial, mas nem por isso menos total, intuição singular de um campo, de uma vida. Podemos, contudo, ampliar nossa visão, pois conforme gira ao nosso redor, afugentando as espessas trevas com seu brilho descontínuo e muito forte, bem sintonizado com o Sol, conforme vai indo da Lua Nova para a Lua Cheia, revela na Terra muitos mundos possíveis, dispersos na vastidão de nosso pequeno grande globo. Outros mundos ainda não alcançados – ou recém-descobertos e precocemente ceifados. Mundos possíveis que persistem, contudo, como oportunidades futuras, realidades talvez vindouras, insistindo crescentemente em sua virtualidade.

E depois de nos prepararmos, ao contemplar o brilho dos astros e acompanhar seus movimentos que, como relógios cósmicos, nos apontavam para o Sol, estrela mais perto de nós. Ele ilumina nossos planetas, nossos companheiros pelos quais doamos nossa luz, e que, por sua vez nos acompanham, nossas estrelas nômades. Ao ver o Sol, acabamos por nos sintonizar pela sua luz intensa com nossa faísca singular (que como todo fogo tem origem no astro real), nosso brilho interior porque sempre exterior, iluminando nosso rosto, aquecendo nossa pele, energizando nosso corpo, nos conferindo uma nova visão... Doravante, poderemos olhar ao redor com mais adequação, mais detalhadamente e mais longe nos vales e montanhas, enxergando um mundo infinitamente mais amplo e belo do que podíamos sonhar durante a madrugada que se foi, a cegueira milenar e sempre possível de retornar.



Revolução solar

Os astros do passado nos orientam para que nós, depois de um tempo infundável, não mensurável de preparação – que terminam diante da ação e da decisão –, conseguíssemos contemplar diretamente o Sol, o tempo que se doa, a visão, que baila simétrico e inverso a Terra, o corpo, intuindo sua verdade (a única que existe, a univocidade-literalidade), sentindo que tudo aqui ao nosso redor nasce, vive e se orienta da Fonte de luz e energia, sendo apenas modulações de energia solar que explodem para agir e mudar a face da Terra de quando em vez. É necessário, todavia, manter uma distância segura para não detonar nossa Terra com um vento solar muito intenso ou uma

exposição direta demorada demais, por ansiedade juvenil, mas sem se esquivar da luz que a ilumina e impulsiona a vida, por medo senil. Somos pequenas faíscas, estrelas mais ou menos potentes, singulares, que, uma vez unidas, como uma Via Láctea espiritual, formam um turbilhão, um redemoinho de ideias, uma espiral de Criação, um incêndio de pensamento que trará novamente, talvez, o fogo à Terra...

Referências bio-bibliográficas

- BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* – 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERGSON, H. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências* – São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERGSON, H. *A energia espiritual*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* - São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1-5. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. – 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ESPINOSA, B. *Tratado teológico-político*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HERÁCLITO DE ÉFESO. Fragmentos. Em: *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografias e comentários*. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 81-116.
- LEIBNIZ, G. W. Discurso de metafísica. Em: *Discurso de metafísica e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LEIBNIZ, G. W. Os princípios da filosofia ou a monadologia. Em: *Discurso de metafísica e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LEIBNIZ, G. W. Princípios da natureza e da graça fundados na razão. Em: *Discurso de metafísica e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, F. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SPINOZA, B. *Ética* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

Márcio José de Araújo Costa
Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
na Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: marciojacosta144@gmail.com